

Carta semanal 36: Veremos as raízes encontrarem umas às outras



John Pule, *O Desacordo*, 2014.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Na semana passada, a **Agence France Presse** pôs as mãos em um relatório preliminar da ONU chamado **Relatório Especial sobre o Oceano e a Criosfera na Mudança Climática**. Esse documento de 900 páginas é um estudo dos oceanos do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), o órgão da ONU que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2007. Os trechos disponíveis nos expõem a uma leitura arrepiante. “Os mesmos oceanos que nutriram a evolução humana”, diz o documento, “estão prontos para desencadear a miséria em escala global, a menos que a poluição de carbono que desestabiliza o ambiente marinho na Terra diminua drasticamente”.

A menos que haja cortes profundos nas emissões de carbono geradas pelos seres humanos, pelo menos 30% do pergelissolo (terra, gelo e rochas permanentemente congelados) de superfície do hemisfério norte poderão derreter nas próximas oito décadas. Isso significaria que em 2050 os oceanos subirão e os “eventos extremos relacionados ao nível do mar” destruirão ilhas e cidades baixas. Poucos cientistas estão convencidos de que o aquecimento pode ser controlado no limite de 1,5 ° C; eles acreditam em 2°C. Com esse aumento, os oceanos subirão o suficiente para desalojar mais de um 250 milhões de pessoas, o equivalente à população inteira do Brasil e da Argentina juntas.

O relatório especial final sobre o oceano será divulgado em 25 de setembro, dois dias após uma **cúpula especial de ação climática** organizada pelo secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, em Nova York. No final de agosto, Guterres falou na Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento Africano, onde **observou** que poucas coisas prejudicam tanto o desenvolvimento como desastres ambientais. Ele tinha em mente o terrível ciclone Idai que atingiu Moçambique, destruindo 90% da área em torno da cidade de Beira. Assistir a essa filmagem feita por drones, da Federação Internacional da Cruz Vermelha e da Sociedade do Crescente Vermelho, é arrepiante:



Imagens do drone da IFRC do ciclone Idai em Beira, Moçambique, 2019.

Esses desastres não são difíceis de encontrar. O furacão Dorian varreu o Caribe com ferocidade. Guterres mencionou os incêndios na Amazônia, um crime contra a humanidade – como colocou a organização camponesa **Via Campesina**. É perturbador assistir a esse pequeno vídeo – Brasil em Chamas – feito pelo Brasil de Fato:



Brasil de Fato, Brasil em Chamas, 2019.

“Décadas de ganhos em desenvolvimento sustentável podem ser eliminadas da noite para o dia”, disse Guterres sobre esses desastres em cascata. E haverá mais acontecimentos desse tipo. “Estamos no caminho certo para que 2015–2019 sejam os cinco anos mais quentes já registrados”, ironizou Guterres. A Organização Meteorológica Mundial (OMM) **diz** que agora temos a maior concentração de CO² na atmosfera da história. No que diz respeito aos oceanos, a OMM mostra que a temperatura das águas nos 700m e 2000m superiores, em 2018, foram “as mais altas ou as segundas mais altas que se tem registro”.

As responsabilidades estão em diferentes níveis. Moçambique e Brasil enfrentam o impacto deletério da catástrofe climática, mas no caso brasileiro, também há culpados mais próximo – as empresas madeireiras e mineradoras. Quando se trata de apontar dedos, nem duas mãos são suficientes. Os dedos devem ir em direção aos conglomerados financeiros e energéticos que ganham dinheiro com carbono. Eles também apontam vigorosamente os países do G-7 e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que se recusam a negociar de boa fé as questões climáticas.

Os dedos seriam negligentes se não apontassem com ferocidade especial o comportamento ambivalente dos países desenvolvidos. O professor T. Jayaraman, do Instituto Tata de Ciências Sociais (Mumbai), disse ao **Correio da Unesco** que as conversas sobre impostos e comércio de carbono é uma cortina de fumaça. Por que esses governos simplesmente “não exigem determinadas metas a serem alcançadas por certos setores? Devem haver regulamentos mais rígidos. Caso contrário, devem ser penalizados”. “Acreditar que você pode convencer as empresas a agirem corretamente ou assustá-las para que tomem as medidas certas me parece um pouco absurdo”, disse Jayaraman. Os países desenvolvidos, disse ele, precisam “fazer a conversão para tecnologias verdes rapidamente”, o que não significa apenas mudar de combustível fóssil (carvão para gás), mas adotar energias renováveis. Por outro lado, os países em desenvolvimento devem também mostrar avanços, mas de maneira sensata. O transporte público na cidade chinesa de **Shenzhen**, por exemplo, é totalmente elétrico – com o plano de fazer com que todo o transporte na cidade siga o exemplo:



South China Morning Post, [Shenzen: o pioneiro mundial em veículos elétricos, 2018.](#)

A prevaricação no tratamento do tema da catástrofe climática é a mesma com a qual o capitalismo enfrenta as questões morais da fome, da falta de moradia e da desigualdade. Existem teorias encantadoras que permitem à classe capitalista continuar se apropriando de quase toda a riqueza social, enquanto os trabalhadores e camponeses vivem à beira da sobrevivência. Não é a falta de iniciativa para enfrentar a catástrofe climática o problema; mas a ganância, as profundas raízes culturais do capitalismo, que impedem uma solução para a catástrofe social e climática.

As respostas são dadas para os sintomas, não para as causas deles. Conforme as águas sobem, Jacarta, capital da Indonésia, constrói um paredão de 24 metros de altura, mesmo que 40% da cidade já esteja abaixo do nível do mar. O presidente da Indonésia, Joko Widodo, sabe que essa não é a solução. Ele anunciou que o quarto maior país do mundo mudará sua capital para a ilha de Bornéu. Enquanto isso, a ONU realizou uma discussão preliminar sobre um novo **acordo** sobre a Convenção das Nações Unidas sobre as Leis do Mar para conservar e sustentar a diversidade biológica marinha. Tudo parece **tímido** – o Fundo Voluntário serve apenas para oferecer recursos para que esses pequenos Estados insulares possam participar dessas reuniões. Nada mais está sobre a mesa. Não existe um compromisso real para combater a subida do mar ou a acidificação do oceano. Fakasoa Tealei, de Tuvalu, disse que as estruturas existentes são “ineficazes” e mesmo toda a discussão pode não agregar “qualquer valor prático” ao problema. A honestidade de Tealei e a rendição de Widodo ao mar são canários desapontadores em um poço de carvão sem fim.



Agung Mangu Putra, *Abstraki Ikan*, 2001.

Tonga, o arquipélago ao sul de Tuvalu, no Oceano Pacífico, está vulnerável às águas que estão subindo. As principais ilhas de Tonga construíram paredes marítimas, mas seus moradores podem olhar as águas e ver suas ilhas menores deslizando para o oceano. Para onde iriam os 100 mil tonganeses se as águas subirem? Konai Helu Thaman, um dos grandes poetas de Tonga, escreveu décadas atrás sobre seu sonho de outro mundo.

*Nós não conseguimos ver
lá longe na distância
nem podemos ver
o que costumava estar lá
mas hoje podemos ver árvores
separadas pelo vento e pelo ar
e se ousarmos olhar
sob o solo
vamos achar raízes
tentando se encontrar
e em seu silencioso entrelaçamento
criam a paisagem escondida
do futuro.*



Ivana Kurniawati, *Nós não somos macacos*, 2019.

A nordeste de Tonga fica na Papua Ocidental, a metade da ilha de Papua que é mantida pela Indonésia. Fortes sentimentos de independência despertam mais uma vez na Papua Ocidental, depois que os estudantes foram **tratados de forma vergonhosa** pelos nacionalistas indonésios, na cidade de Surabaya. Chamados de “macacos” por esses nacionalistas, os radicais papuanos **reverteram** a ordem das coisas: Papua merdeka, itu yang monyet inginkan (Papua livre, é isso que os macacos querem). Um dos líderes da luta – Surya Anta – foi preso. A situação é muito incerta, e a internet em Papua Ocidental está cortada. Em uma carta semanal futura, faremos uma entrevista com Benny Wenda, do **Movimento de Libertação Unido da Papua Ocidental**.



Um dos resíduos remanescentes das lutas pela independência na América do Sul tem sido a questão da integração continental. Elas ocorrem regularmente, mais recentemente durante a guinada à esquerda no continente. A questão da integração surgiu como parte da luta de classes regional – os termos da integração deveriam apenas beneficiar a oligarquia e as empresas multinacionais, ou a integração é um meio para o desenvolvimento socialista?

Na semana passada, no Rio de Janeiro, como parte de uma série co-organizada pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, Monica Bruckmann e Beatriz Bisso, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, juntaram-se a Mariana Vazquez, da Universidade de Buenos Aires, e Olivia Carolino, da Tricontinental, em uma sala lotada de acadêmicos, estudantes e militantes para discutir esses temas. A idéia de integração é premente, mas não uma integração sem um papel claro de seu caráter de classe. A globalização é uma forma de integração capitalista; a integração de países em um programa da classe trabalhadora e o campesinato é uma questão totalmente diferente. Como fazer isso quando o equilíbrio de forças é adverso? Essa é a pergunta sobre a mesa. Essas apresentações irão compor um livro nosso.

Há dez anos, Hugo Chávez, da Venezuela, discursava na conferência climática em Copenhague. Chávez evocou o regionalismo da América Latina – principalmente a Aliança Bolivariana para as América (Alba). Seus comentários mais afiados ocorreram quando ele apontou o dedo para os indivíduos e países mais ricos do mundo cuja atitude “mostra alta insensibilidade e falta de solidariedade com os pobres, os famintos e os mais vulneráveis a doenças e desastres naturais”. Chávez disse que os mais ricos devem fazer duas coisas: primeiro, “estabelecer compromissos vinculativos, claros e concretos para a redução substancial de suas emissões”; segundo, “assumir obrigações de assistência financeira e tecnológica aos países pobres para lidar com os perigos destrutivos das mudanças climáticas”. Simples.

Chávez viu as raízes se entrelaçando. Mas essa não é uma perspectiva compartilhada pelo G7 e pela OCDE. Eles só vêem os frutos que querem colher e comer sozinhos. Essa é a atitude deles. É a atitude do saqueador, não do ser humano.

Cordialmente, Vijay.

PS: todos os nossos materiais estão disponíveis em nosso **site**, incluindo todas as cartas semanais, dossiês, documentos e cadernos de trabalho e alertas vermelhos. Em caso de dúvidas, entre em contato com nossos escritórios em Buenos Aires, Joanesburgo, Nova Délhi e São Paulo.

